UM ESTUDO ETNOGRÁFICO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CUIABÁ

Silvana Maria Bitencourt[1]

RESUMO: O artigo trata do ensino de Sociologia em seis escolas públicas de Cuiabá - Mato Grosso por meio do método etnográfico investigou-se a percepção dos estudantes sobre o ensino de Sociologia e seus professores. Constatou que a Sociologia ainda se encontra na condição de um "não lugar" no ensino médio quando comparada as outras disciplinas. Evidência, esta que tem dificultado sua consolidação e reconhecimento no ensino médio cuiabano. Contudo, as aulas de Sociologia também são percebidas como momentos que os estudantes sentem-se mais livres e seguros para refletirem sobre as mudanças sociais e culturais que têm ocorrido no atual contexto contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia. Estudante. Professor de Sociologia. Etnografia.

ABSTRACT: The article deals with sociology of education in six public schools in Cuiabá - MatoGrosso through the ethnographic method investigated the perceptions of students about the teaching of sociology and their teachers. It found that sociology is still in the condition of a "no place" in high school compared to other disciplines. Evidence that this has hindered its consolidation and recognition in high cuiabano education. However, sociology classes are also perceived as moments that students feel freer and safer to reflect on the social and cultural changes that have occurred in the current contemporary context.

KEY-WORDS: Sociology of Education. Student. Professor of Sociology. Ethnography.

1 Introdução

A Sociologia como disciplina escolar carrega marcas de uma história composta de instabilidades e dificuldades em se estabelecer /consolidar como disciplina obrigatória no currículo de ensino médio.

Conforme alguns estudos (MORAES, 2003:2014; SILVA, 2007; HANDFAS, 2014) podemos verificar que a Sociologia foi oficialmente extinta do currículo do ensino médio nos

[1] Professora Adjunta III do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal do Mato Grosso (Campus Cuiabá) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMT, possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado/2001), Doutorado (2011) e Mestrado (2006) em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, realizou estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal em 2010). É coordenadora do Núcleo Interinstitucional de Estudos das Violências e da Cidadania (NIEVCi), líder do grupo de pesquisa (CNPq) Saúde do Corpo, Gênero e Gerações e pesquisadora da Rede Ibero-Americana Ciência, Gênero e Tecnologia , membro associada da Sociedade Brasileira de Sociologia. Tem experiência na área de Sociologia da Educação, Teoria sociológica e com ênfase em Estudos de gênero e educação atua principalmente nos seguintes temas: Estudos de gênero, Feminismos, Carreira Científica, Maternidade, Sociologia do Corpo e Ensino de Sociologia, coordenou o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFMT entre maio de 2013 a maio de 2015.

anos de 1940, sendo que quatro décadas depois apareceu de modo intermitente, porém apenas em alguns estados brasileiros. Na década de 1990 podemos observar um movimento entre os intelectuais e algumas instituições, que compartilhavam de um discurso pautado na necessidade de conhecimento sociológico para a formação de jovens, neste período houve um grande movimento nacional em *prol* de seu ensino no contexto brasileiro. Contudo, seu ensino ainda não era lei, ou seja, a Sociologia não era uma disciplina obrigatória no currículo de ensino médio. Sua obrigatoriedade é recente, foi em junho de 2008, a partir da lei n°11.684 ocorreu à alteração da lei de Diretrizes de base da Educação Nacional; que a Sociologia retornou como disciplina obrigatória no ensino médio brasileiro.

Vale a pena salientar que sua obrigatoriedade é no ensino médio, portanto o ensino fundamental é visto como uma fase da educação básica que as crianças ainda não teriam uma idade adequada para aprender Sociologia. O autor Bernard Lahire (2014) ao fazer esta discussão na França enfatiza que se a Sociologia é uma disciplina que contribui para interpretar a realidade social, ou seja, o mundo, logo as crianças poderiam aprender Sociologia sim! e esse aprendizado contribuiria para uma formação mais esclarecida e menos fantasiosa, lúdica sobre a realidade social. Assim, as crianças poderiam desde cedo ter noções básicas sobre diferenças e diversidades culturais, por exemplo, e não chegariam à escola, contaminadas por diversas formas de preconceitos construídos a partir do senso comum.

Contudo, a partir desta trajetória particular da Sociologia no ensino médio até chegar a sua efetiva obrigatoriedade no ensino médio, verificamos que a formação docente em Sociologia necessita refletir com seus futuros/as professores/as sobre os efeitos que esta intermitência da disciplina na educação básica em algum momento na atualidade ainda podeinfluenciar na motivação que os/as estudantes possam ter por este campo[2] de conhecimento e área de atuação como professor ou professora de Sociologia.

Analisando que a sua obrigatoriedade no contexto contemporâneo é recente, logo não há ainda uma "cultura" do ensino de Sociologia conhecida e reconhecida nas escolas públicas brasileiras. Nesse sentido, as discussões sobre a disciplina Sociologia e o seu lugar no ensino médio, mesmo se tornando obrigatória no currículo, parece que ainda não há um lugar definido e compreendido sobre a sua importância na educação básica.

[2] Campo no sentido bourdiesiano, como *locus* de uma competição, no qual está em jogo, especificamente, o monopólio da autoridade científica, definida, de modo inseparável, como a capacidade técnica e o poder social, ou, de outra maneira, o monopólio da competência científica, no sentido da capacidade reconhecida socialmente de um agente falar e agir legitimamente em assuntos científicos (Bourdieu, 1975).

As dificuldades e os desafios vivenciados no cotidiano do trabalho docente pelos professores/as da educação básica tende a desmotivar muitos/as jovens a escolherem por esta carreira (OLIVEIRA, 2009), no entanto parece ser ainda mais problemático para o professorou professora de Sociologia, devido ao desprestígio social se comparado aos professores e professoras de outras disciplinas.

A sociedade moderna ocidental "viciada" no olhar dicotômico e na necessidade de atribuir rotulações para determinados segmentos profissionais (WALLERSTEIN, 2002) tende a representar os/as sociólogos/as, muitas vezes, reforçando um significativo teor de ideologização da Sociologia, portanto o imaginário social contribuir para reproduzir que os/as sociólogos/as seriam, em sua grande maioria, sujeitos vinculados à militância política, portanto, suas pesquisas não seriam muito sérias em termos científicos. Também permeia a representação vinculada aos/às cientistas sociais que estes/as teriam como objetos de estudos preferencialmente camadas populares assumindo problemáticas de pesquisa vinculadas diretamente ao fenômeno das desigualdades sociais (BITENCOURT, 2016).

Esta vinculação do ser sociólogo/a com a militância tende a afirmar um simbólico negativo relativo à Sociologia como ciência, abrindo espaço para o aparecimento de dúvidas sobre o saber sociológico, logo sua cientificidade. E, esta dúvida sobre a especificidade do trabalho sociológico da grande maioria parece influenciado pelo discurso referente à ciência moderna, sendo este conhecimento visto como único e verdade da modernidade (WEBER, 1982).

Partindo deste ponto de vista, o/a professor/a de Sociologia por não ser compreendido/a pelo/a estudante de ensino médio, somando ainda ao desprestígio social da profissão de professor/a (PERALVA; SPOSITO, 1997; TARDIF; RAYMOND, 2000) e a representação fortemente ideologizada do profissional formado em Ciências Sociais (MORAES, 2014).

Cotejando a realidade da disciplina Sociologia e Matemática no currículo escolar, por exemplo, a Matemática por ser considerada a base das carreiras científicas contribui para os/as estudantes que conquistam um bom desempenho nesta disciplina ganharem destaque nas relações escolares, sendo que não observamos o mesmo com a Sociologia (SCHIENBINGER, 2001; BITENCOURT, 2016).

Uma evidencia para isto pode também ser visto quando crianças são diagnosticadas como superdotadas, os pequenos gênios geralmente apresentam facilidade no saber

matemático, pois para existir superdotados em Sociologia, o sujeito necessitaria de alguns anos de leituras e interação social para atingir a reflexividade a partir de contextos sociais situados e as diversas dimensões que a Sociologia busca delimitar para explicar a realidade social.

Partindo do exposto, este artigo[3] tem objetivo analisar o ensino de Sociologia e seus professores e professoras a partir da percepção dos/as estudantes.

Para atingir este objetivo realizamos pesquisa de campo em turmas de 2° e 3° ano do ensino médio em seis escolas estaduais durante o período de seis meses (entre o período de outubro de 2012 a março de 2013), sendo que estes/as estudantes tiveram um primeiro contato com a disciplina Sociologia, portanto estudantes que teriam condições de falar sobre a disciplina e seus professores, nas últimas três semanas de observação de campo também foram aplicados 203 questionários com os/as estudantes destas escolas. Além dos/as estudantesque fizeram parte do quadro de informantes desta pesquisa, também foram informantes desta pesquisa seis professores/as de Sociologia, três coordenadores/as pedagógicos/as e dois diretores/as, sendo que estes/as informantes foram essenciais para a fase inicial da pesquisa, pois foram estes que autorizaram o trabalho de campo nas escolas pesquisadas.

A escolha da amostra foi feita a partir das regiões de Cuiabá, também foram consideradas as facilidades de acesso às escolas. A escolha em períodos diferentes contribuiu para atingirmos uma amostra diversificada do ensino de Sociologia de Cuiabá.

Primeiramente realizamos a construção de uma rede de contatos via Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC), estes contatos via SEDUC nos auxiliaram para escolher as escolas públicas de ensino médio de Cuiabá.

Conforme dados fornecidos pela SEDUC, em 2011 somavam-se 55 professores/as de Sociologia com contratos temporários em 32 escolas de Cuiabá. Sobre a formação dos professores/as de Sociologia pode-se verificar que dos 33 professores/as concursados/as em Cuiabá 14 são formados em Ciências Sociais, 10 em Sociologia e 9 em Estudos Sociais, sendo que 18 destes/as 33 professores/as possuem especialização.

[3] Versão preliminar desse artigo foi apresentada X Reunião de Antropologia do Mercosul, realizado em 2013, na cidade de Córdoba – Argentina. Este trabalho faz parte de uma das reflexões desenvolvidas no projeto intitulado: "A sociologia aprendida nas escolas públicas de ensino médio em Cuiabá - Mato Grosso: concepções dos estudantes sobre os professores/as e o conteúdo estudado na disciplina sociologia" que contou com financiamento da Fundação de Amparo à pesquisa de Mato Grosso – FAPEMAT.

Para fins metodológicos dividimos este trabalho em três momentos: primeiro discutiremos sobre o trabalho de campo na escola, no segundo momento apresentaremos os resultados obtidos analisando as percepções dos/as estudantes sobre o ensino de Sociologia e seus professores e professoras no terceiro momento faremos algumas considerações a fim de compreender o contexto a partir do texto sobre a escola produzido pelos/as estudantes.

2 Quando o campo é na escola

Em relação à etnografia na escola a partir de algumas reflexões metodológicas podemos constatar a pertinência das pesquisas educacionais utilizarem a etnografia para compreender o cotidiano escolar. Uma vez que a escola reflete diversos tipos de manifestações socioculturais em suas relações. Nesse sentido, utilizar a etnografia na escola revela-se como um meio significativamente relevante para o/a pesquisador/a ter melhores possibilidades para traduzir o cotidiano escolar, considerando aspectos históricos do contexto escolar investigado, os diversos atores sociais que participam da dinâmica escolar e as questões que permeiam o saber/poder apresentado por meio de regras ou por um universo simbólico que permeia a relação entre os diversos atores que fazem parte desta dinâmica contextualmente (ROCKWELL, 2009).

Partindo desta perspectiva, podemos verificar que o trabalho etnográfico é realizado com maior frequência entre os antropólogos/as, logo outros/as especialistas geralmente até utilizam do método etnográfico em suas pesquisas. No entanto, as discussões epistemológicas sobre a legitimidade deste método e o "lugar" da pesquisa etnográfica nas Ciências Sociais têm sido analisadas nos ciclos formados por antropólogos/as (FONSECA, 1999).

Assim sendo, a maioria dos pareceres sobre as pesquisas etnográficas em outros campos das Ciências Sociais são avaliadas pelos/as antropólogos/as. Isto não quer dizer que estes/as profissionais sejam os "donos" do trabalho etnográfico. Contudo, foi a partir dos estudos realizados por antropólogos/as que se formou as bases epistemológicas do trabalho etnográfico, e esta legitimidade aparece confirmada no plano simbólico do conhecimento/reconhecimento da comunidade acadêmica das Ciências Sociais, quando se fala de etnografia imagina-se o/a profissional da Antropologia.

De tal modo, na divisão do trabalho profissional se os laudos etnográficos são de competência dos/as antropólogos/as; o ensino das Ciências Sociais, para o ensino médio ficou para os/as sociólogos/as, pois mesmo tendo conteúdos da Antropologia e da Ciência Política

para o ensino médio, as discussões ainda partem dos/as sociólogos/as envolvidos/as nos debates da educação (HANDFAS, 2014).

Nesse sentido, a subárea da Sociologia da Educação mesmo vista como a "prima pobre das ciências sociais" ainda há alguns sociólogos e sociólogas que se interessam por temas da educação. Na década de 1950, o sociólogo Florestan Fernandes (1977) realizou esta reflexão sobre o ensino de ciências sociais afirmando o total desinteresse dos/as sociólogos/as pela Sociologia na escola secundária.

Em relação ao trabalho etnográfico na instituição escolar (PFAFF, 2010) pode-se verificar que uma das dificuldades tem sido a construção de um "distanciamento" livre de determinismos sobre a escola, portanto sobre as relações que ocorrem na mesma, pois, devido ao fato de todos conhecerem ou ter conhecido uma escola, permeia no imaginário social uma representação muito familiar sobre a escola. Assim, esta familiaridade convencida do/a pesquisador/a de campo sobre a escola tende a limitá-lo/a na análise dos aspectos culturais compartilhados pelos membros da instituição escolar.

Conforme Nicole Pfaff (2010) este convencimento pessoal sobre o ambiente escolar pode se tornar um fator negativo para o trabalho etnográfico, caso o/a pesquisador/a esteja preso aos seus pré-conceitos sobre o funcionamento da escola e as relações construídas na mesma. Este desinteresse de realizarem-se pesquisas etnográficas no ambiente escolar pode ocorrer pelo fato das relações que acontecem na escola poderem ser entendidas como facilmente interpretadas.

Nesse sentido, a prática docente não pode ser avaliada/diagnosticada nestes estudos, assim grande parte das pesquisas etnográficas feitas na escola estarão direcionadas a compreender o sistema simbólico compartilhado por seus sujeitos, ou seja, os aspectos culturais mais relevantes, aqueles que ficam evidentes para o/a pesquisador/a, de acordo com seu olhar particular sobre o universo pesquisado.

Oliveira (2013) refletindo sobre o espaço escolar salienta que este deve ser compreendido não apenas como um momento destinado à reprodução social, mas um local de relações sociais, portanto um espaço que se compartilha determinados símbolos, regras, normas, um *habitus*específico formando assim uma "cultura escolar".

> Além de reprodução social, a escola também é o espaço da inventividade, da criação e da produção de novas práticas. Constitui-se neste universo a criação de uma 'cultura escolar', que possui uma dinâmica singular, a quase se entrecruza com outras culturas presentes na sociedade envolvente (OLIVEIRA, 2013, p.272).

Partindo desta perspectiva, a escola pode ser compreendida como um espaço de diversas manifestações culturais, portanto, de diversidade cultural.

Outro trabalho muito relevante que mostra o papel fundamental da etnografia para se compreender o cotidiano escolar é o trabalho de Paul Willis (1991), nesta pesquisa Willis comprova por meio de uma etnografia com jovens ingleses estudantes da escola secundária, que o trabalho de campo é um instrumento fundamental para por em prova teorias vistas como socialmente consolidadas. Em seu trabalho etnográfico Willis constatou a partir da observação participante que os jovens estudantes vindos das classes populares não necessariamente reproduzem os valores da classe dominante. Segundo Willis, estes podem resistir a cultura socialmente valorizada de uma classe e mostrarem resistência a partir da valorização de seu universo de origem, neste caso o mundo operário de seus pais.

Sobre esta diversidade verificada no ambiente escolar durante o trabalho de campo, constatamos que os/as professores/as e os/as coordenadores/as pedagógicos/as das escolas não apresentavam interesse por pesquisas sobre a situação do ensino de Sociologia na atualidade, pois ao serem abordados/as mostravam-se surpresos/as em saber que a universidade estava desenvolvendo projetos sobre o ensino de Sociologia.

Para estes/as professores/asa distância entre escola e universidade apresentam-se como uma realidade sem questionamentos, pois o conhecimento científico produzido na universidade era visto por estes/as professores/as como muito distante do conhecimento escolar, ou seja, sem relação com a experiênciavivenciadas por eles no cotidiano da escola.

Em relação a esse desinteresse que os/as professores/as e coordenadores/as pedagógicos/as apresentaram para participar da pesquisa, isto pode estar relacionado a diversos fatores. Conforme alguns estudos (GASPARINI, 2005; CALDAS E KUENZER, 2009; ASSUNÇÃO E OLIVEIRA, 2009) esse desinteresse pela pesquisa pode estar relacionado àforma que estes/as profissionaisprecisam lidam com a temporalidade, ou seja, "não têm tempo para atender esta demanda externa". Considerando o grande número de turmas e alunos/as que estes/as profissionais precisam atender vinculando esta realidadeas atuais condições de trabalho que esses/as profissionais têm vivenciado na escola contemporânea.

Condições, estas que têm feito estes/as profissionais terem que lidar com problemas na escola que não são de sua competência profissional como: drogas, gravidez na adolescência, violências, homofobias, fracasso escolar entre outros - unindo ainda as condições precárias de

infraestrutura da escola pública, desvalorização salarial desta categoria profissional, desprestígio das licenciaturas no Brasil e falta de programas eficientes para uma formação continuada. Partindo destes fatores apresentados, torna-se difícil estes profissionaismostrarem motivação para atender mais uma demanda no cotidiano escolar, ou seja, ter tempo para os/as pesquisadores/as da universidade.

Vale a pena ressaltar que entre as seis escolas pesquisadas nenhuma contava com o Programa de Iniciação à Docência – PIBID, assim como estagiários/as da disciplina Sociologia. Podendo isto ser motivo para professores/as estranharem a presença de alunos/as da universidade com objetivo de pesquisar o ensino de Sociologia.

Nesta fase inicial da pesquisa de campo, constatamos que os/as professores/as apresentavam um estado emocional bastante ansioso, pois eles/as nos solicitaram diversas vezes para explicar os objetivos da pesquisa, não entendiam o porquê da universidade ter interesse em pesquisar a escola que trabalhavam. Além da ansiedade também apresentavam necessidade de mais esclarecimentos sobre a observação de campo em suas aulas, pareciam quese sentiam invadidos/as e testados/as com a nossa presença.

Conforme este diálogo da bolsista com uma professora, podemos constatar essa dificuldade de compreensão sobre a atividade de pesquisa na escola a partir de alguns professores e professoras. Podemos observar que a pesquisa na escola é confundida com o estágio supervisionado a "moda" antiga, ou seja, estágio quando este era configurado a partir de modelos mais técnicos do que como uma oportunidade de se refletir a relação entre pesquisa e ensino, assim como, a necessidade de professores/as tomarem o ensino de sociologia como objeto de estudo, a fim de elaborarem metodologias e materiais didáticos compatíveis com as realidades escolares vivenciadas (PIMENTA; LIMA, 2006; HANDFAS; TEXEIRA, 2007).

Segundo o relato de uma bolsista de Iniciação Científica[4] participante da pesquisa, podemos constatar essa confusão entre pesquisa na escola e pesquisa para a escola.

> Houve um episódio que não posso deixar de registrar. Em um dos dias que eu estava na escola, teria aula com a 2ª série do ensino médio no quarto horário e com a 3ª série do ensino médio no quinto horário. Aconteceu que a professora do quarto horário da 3ª série estava doente, então os estudantes pediram a professora que ela adiantasse a aula de Sociologia para eles. Ela então me chamou em um canto e me disse: estagiária um dia você irá dar aulas, não vai? Eu respondi: provavelmente sim.

[4] Colaboraram nesta pesquisa as bolsistas de Iniciação Científica: Débora Ibanez; Aparecida Cristina Ferreira Vianna e Andressa Costa.

> Então ela me disse: essa é a sua chance de ter experiência com uma turma, você pode subir a aula dessa turma? Então, eu respondi que era proibida de cumprir esse ato, pois minha observação era participante, eu estava ali realizando uma pesquisa e não para dar aulas. Tomei como base uma cláusula citada no termo de compromisso do estágio supervisionado, onde dizia ser eu proibida de ministrar aulas. Conclui que se não era permitido ministrar aulas no estágio que estava me preparando para ser uma futura docente, na pesquisa científica isso seria inaceitável (Depoimento Cida, estudante de Ciências Sociais/ abril/2013).

3 A compreensão dos estudantes sobre a Sociologia aprendida na escola cuiabana

O ensino médio é constituído na sua grande maioria por adolescente, portanto os/as professores/as que são de outras gerações geralmente apresentam dificuldades para lidar com estes/as estudantes.

O autor François Dubet (1997) ao trabalhar na França com estudantes do ensino fundamental descreve que: os/as adolescentes apresentavam comportamentos desatenciosos, pois viviam em um mundo muito diferente dos/as professores/as. Segundo ele, isso ocorria devido aos conflitos geracionais constituídos por universos simbólicos muito distintos entre professores/as e estudantes. O autor fala da dificuldade que, muitas vezes, vivencia o professor/a na tentativa de ocupar "as mentes" destes/asestudantes com suas aulas. Assim, para *Dubet,* o/a professor/a da educação básica necessita criar táticas para despertar nos/as estudantes a motivação e o interesse por suas aulas.

Em relação à representação que estes/as discentes de ensino médio tendem a criar sobre os/as professores/as de Sociologia é que estes/as são indivíduos "confusos/as". Segundo estes/as estudantes, esta confusão é compreendida por estes/as professores/as não apresentarem objetividade na fala em suas aulas.

Na percepção da grande maioria dos/as estudantes entrevistados não há uma organização consistente feita por estes/as professores/as para suas aulas ministradas. Vale a pena lembrar que este atributo "confuso/a", que expressa uma ideia negativa sobre o/aprofessor/a de Sociologia a partir da percepção dos/as estudantes não justifica o parecer dos/as professores/as sobre os/as estudantes.

Diante desta possibilidade de ocorrer conflitos geracionais entre estudantes e professores/as, verificamos que alguns professores e professoras utilizavam de algumas táticas para lidar com os/as estudantes.

Das seis escolas pesquisadas observamos que haviam professores/as que utilizavam além das práticas verbais para interagir com os/as estudantes, também práticas não-verbais a

partir do olhar, por exemplo, estabeleciam uma linguagem particular não falada para interagir com os estudantes.

Segundo Eliane Cavalleiro (2010), estas práticas não-verbais constituídas de expressão do/a professor/a ser mais afetivo em relação ao aluno, podem garantir admiração dos/as estudantes por seus professores e professoras.

A partir das observações de campo nestas escolas percebemos que 30% dos/asestudantes[5] observados/as não mostravam interesse pela Sociologia, sendo que muitos/as deles/as sentiam-se "obrigados/as" a frequentar a escola. Este desinteresse pôde ser constatado a partir de algumas observações no comportamento discente durante as aulas de Sociologia. Conforme se observou durante o trabalho de campo que durante algumas aulas de Sociologia,

"Alguns alunos [durante a aula de Sociologia] fazem o dever de história, outros em roda ensaiam para apresentação de uma música para a aula de espanhol tocando violão, e outros mexem no celular trocando mensagens e arquivos por meio do Bluetooth (Diário de campo" (Diário de campo, 26/10/2012).

No entanto, também constatamos nas aulas de Sociologia, estudantes interessados/as, principalmente em aulas que associavam o conteúdo sociológico a situações cotidianas.

Vale a pena citar o estudo de Erlando da Silva Rêses (2007) sobre o ensino de Sociologia no Distrito Federal, o autor partindo da teoria das representações sociais de Serge Moscovicibuscou compreender a representação da disciplina Sociologia para dois grupos de estudantes de ensino médio. Em relação a este estudo com discentes sobre o ensino de SociologiaRêses salienta que os estudantes de ambos grupos compartilhavam do objetivo da Sociologia dispostos nos documentos oficiais associando o ensino desta disciplina para possibilitar o/a estudante exercer a cidadania. Nos resultados o autor constatou que:

> Os dois grupos de alunos pesquisados concordaram com essa perspectiva de formação, sob olhares diferentes: um grupo com um olhar na melhoria das condições de vida e outro com um olhar na progressão escolar. Portanto, o aluno valorizou o ensino de Sociologia em sua formação pessoal (RÊSES, 2007, p.192).

Atualmente o trabalho docente na educação básica tem feito muitos/as professores/asvivenciarem algumas situações que não competem as suas formações. Além das difíceis condições de trabalho, estas que na atualidade tem comprometido a saúde física e psíquica dos/as docentes, contribuído para aumentar o número de solicitações de licenças médicas e desistência da carreira docente (OLIVEIRA, 2004).

[5] O número geral de estudantes nestas seis escolas somavam 203 estudantes.

Nesta pesquisa, constatou-se que das seis escolas, uma delas que se localiza em um bairro conhecido como mais "nobre" da cidade de Cuiabá adotava modelos disciplinares e punitivos vistos como eficientes pelos/as professores/as.

Nesta escola o tratamento dado ao/à estudante funcionava da seguinte forma: caso este/a apresentasse qualquer comportamento "rebelde" com o/a professor/a seus pais eram chamados a comparecer à escola, sendo que a grande maioria morava perto da escola, portanto todos/as se conheciam por ali. Segundo a professora entrevistada, esta postura da escola em punir o/a aluno/a "indisciplinado/a" garantiria a ordem da escola, pois este modelo disciplinador contribuía para os/as estudantes sentirem "medo" e "vergonha" caso seus pais fossem chamados à escola.

Em relação aos 203 questionários aplicados nas seis escolas cuiabanas sobre o ensino de Sociologia e seus professores e professoras, inicialmente fizemos alguns testes pilotos no corpo discente, mesmo assim, algumas das perguntas os/as estudantes apresentaram dificuldades de interpretar, por exemplo, "Como foi seu primeiro contato com a Sociologia?".

Além disso, as respostas na maioria das vezes assumiam um discurso monossilábico, contraditório e de desinteresse em falar sobre o que é Sociologia? E como eles/as percebiam seus professores e professoras. Por isto, muitas respostas foram inseridas no item "Outros".

Em relação à primeira pergunta do questionário que abordou "Como foi seu primeiro contato com a Sociologia", os/as estudantes apresentaram as seguintes respostas: 34% responderam que foi na escola; 24% qualificou o primeiro contato como "bom", contudo não disseram onde e com quem foi. Além de alguns estudantes terem respondido sobre o/a professor/a ou sobre a afinidade que tiveram ou não com a disciplina.

Conforme respostas dos estudantes, "Interessante, mas, porém a professora do primeiro ano era chata e meio que não fazia nada"; "No primeiro ano [de Sociologia] "não gostei e continuo não gostando".

Contudo, tivemos respostas que associavam as aulas de Sociologia com a realidade social do/a estudante; "Foi algo bom e fez perceber que a Sociologia faz parte do dia-a-dia tanto na escola como fora dela".

Sobre a questão: "Você recebeu algum estímulo para estudar Sociologia?" 62% dos/as estudantes responderam que não tiveram estímulos para estudar. Entretanto, outros/as estudantes que responderam: "A sociedade é o nosso estímulo" (estudante, 2°ano do ensino médio).

A respeito da pergunta "como você descreveria seu professor de Sociologia", 50% dos/as estudantes descreveram este/a professor/a como "bom professor". No entanto, podemos verificar que alguns estudantes não gostam de seus professores ou professoras, por exemplo, ao serem abordados sobre seus professores e professoras dizem que estes/as são "insuportáveis", outras respostas referem-se ao comportamento docente vinculado ao estresse e à falta de paciência. Já outros/as estudantes percebem o/a professor/a de Sociologia como muito/a "culto/a", tornando isto um fator que dificulta aprender Sociologia. Ainda há estudantes que comentam sobre a aparência física de seu professor e professora atributos como: "lindo", "gostosa" foram comentados por eles/as.

Em relação à questão que abordou a relação entre aluno e professor, os/as estudantes comentam que têm uma relação "boa", com seus professores e professoras, no entanto, compreendida de forma hierárquica e objetiva, portanto livre de afetos. Sobre as aulas de Sociologia mais de 50% dos/as estudantes gostam destas aulas, contudo 15% dos/as estudantes descrevem estas aulas como: "monótonas". Para estes/as estudantes as aulas mais atraentes são as aulas com filmes (32%) e com conteúdo passado por meio do programa *Power point* (30%).

Os/as estudantes que gostam de aulas com uso de texto mostraram-se bem inexpressiva apenas 4% e as visitas às bibliotecas que se somaram 8% entre as respostas. Em relação às aulas e a associação destas com o cotidiano, 22% dos/as estudantes responderam que a Sociologia contribui para compreender a sociedade, sendo que 14% responderam que Sociologia ajuda a compreender os fatos sociais e 23% responderam que conseguem fazer associações entre as aulas de Sociologia e alguns eventos do Cotidiano. No entanto, 38% dos/as estudantes não conseguiram fazer a associação entre o conteúdo sociológico aprendido com suas vidas cotidianas.

Alguns comentários feitos pelos/as estudantes de ensino médio destas escolas pesquisadas valem a pena ser ressaltados aqui, pois há tanto associações positivas como negativas sobre o contato desses/as estudantes com o conteúdo da Sociologia. Conforme as respostas sobre a questão se conseguem fazer relação entre o conteúdo aprendido nas aulas de Sociologia e o cotidiano, podemos perceber diferentes respostas dos discentes. "No meu ponto de vista a Sociologia não tem nada a ver no meu dia-a-dia, a não ser na escola para adquirir nota" (estudante, 3° ano do ensino médio). "Sociologia favorece a nós termos mais união entre nós, e serve para analisar o nosso cotidiano" (estudante, 2°ano do ensino médio).

Diante da compreensão destes dois estudantes podemos verificar uma das visões associando a Sociologia a uma disciplina, que mesmo não tendo "nada a ver com o cotidiano", o/a estudante sabe que necessitará de uma nota, ou seja, será avaliado/a. Contudo, na outra associação entre Sociologia e vida cotidiana há uma associação como sendo uma disciplina que contribui para a união entre os indivíduos, portanto reforçando um senso coletivo, mas também há compreensões sobre a utilidade do conteúdo sociológico que serviria para "analisar o cotidiano".

Em relação aos temas sociológicos estudados nas aulas de Sociologia e que mais despertaram interesse dos/as estudantes, 16% foi política e grupos sociais, 21% dos/as estudantes responderam temas da atualidade como: cotas nas universidades e redes sociais, 7% responderam que não se lembravam de nenhum tema trabalhado na disciplina e 30% associavam a disciplina a vários temas sem ter um específico, ou seja, que mais gostavam.

Interessante verificarmos que conceitos sugeridos nos PCNEM (1999:2000) e abordagem de autores clássicos da Sociologia como: Marx, Weber e Durkheim nem se quer foram mencionados por conteúdos apreendidos por estes/as estudantes destas escolas cuiabanas pesquisadas.

Em relação à pergunta "Qual Sociólogo ou Socióloga você admira?" entre os/as discentes pesquisados/as 32% responderam que o sociólogo que mais admiravam era Karl Marx; 9% responderam Émile Durkheim e 14% responderam "nenhum" e 42% responderam outros. Interessante ressaltar que estes 42% outros tratavam de várias personalidades que não eram trabalhados nas aulas de Sociologia.

Alguns estudantes mostravam que tinham admiração pelo seu professor/a ou sociólogo/a envolvido/a não só no ofício do Sociólogo, mas na vida política, podemos perceber isto por algumas respostas destes/as discentes, por exemplo, "Fernando Henrique Cardoso", "Montesquieu e Rousseau", "meu professor", "Fulano de tal" (sua professora de Sociologia da escola).

A respeito da pergunta: Você e seus amigos, ou familiares discutem os temas trabalhados na disciplina Sociologia? Conforme as respostas dos/as discentes, 53% responderam que não discutiam com seus amigos e familiares os temas trabalhados na disciplina Sociologia, já 30% responderam que sim discutiam. Alguns comentários feitos pelos/as discentes sobre esta pergunta: "Sim, eu minha família sempre procuramos debater sobre os temas: sociais, econômicos, da atualidade e da história" (estudante, 2° ano).

Em relação à pergunta: Você identifica nos meios de comunicação os temas trabalhados em suas aulas de Sociologia? 69% dos/as discentes responderam que conseguem associar os temas sociológicos discutidos nos meios de comunicações atuais.

Conforme alguns estudantes para esta questão: "Sim [identifico], Uma das coisas é relação entre todos, como devemos conviver em sociedade" (estudante, 3° ano do ensino médio), "Identifico sim e acho uma maneira boa de expor os conteúdos sociológicos" (estudante, 2° ano do ensino médio);

21 % responderam que não conseguem identificar temas na mídia e 9% responderam que poucas vezes conseguem identificar, "Em alguns [meios de comunicação], mas, os meios de comunicação são manipulados, e não mostram" (estudante, 3° ano do ensino médio).

A Sociologia por ser uma disciplina que carrega marcas de uma história moldada de avanços e recuos de sua obrigatoriedade no currículo da educação básica, sendo queestas marcas podem contribuir tanto para a disciplina como para o próprio/a professor/ade Sociologia ainda estar em uma posição indeterminada e incerta na escola básica. Retomando o histórico da disciplina que foi salientado na introdução deste trabalho podemos constatar que as marcas históricas que carregam esta disciplina, muitas vezes, ministradas/os por professores/asnão-habilitados/as em Ciências Sociais (SILVA, 2007) e o forte teor de ideologizaçãoainda tende a influenciar a construção do imaginário social sobre o que é Sociologia? (MORAES, 2014). Logo, o ensino de Sociologia pode estar ainda em uma situação do "entre-lugar" no currículo, ou seja, entre a obrigatoriedade justificada no discurso dos parâmetros curriculares (BRASIL, 1999:2000) que recomendam aulas de Sociologia e Filosofia para proporcionar que os indivíduos tenham possibilidades de exercitarem a cidadania e "entre" o fracasso de ser uma disciplina que só será importante quando os/as estudantes tiverem bons desempenhos em disciplinas básicas como a matemática e a língua portuguesa. Conforme análise de Moraes (2014) esta negação da Sociologia no discurso de alguns "intelectuais" contribuem para afirmar que a Sociologia seria uma disciplina "supérflua" no currículo escolar, analisando a educação brasileira na atualidade.

No entanto, além de ser vista como "supérflua" para alguns, vale a pena salientar como esta disciplina pode incomodar ao buscar compreender as diversas dimensões que permeiam um fenômeno social (BOURDIEU, 1980).

No entanto, conforme observações realizadas nas escolas, é importante salientar que se há a repulsão pelo/a professor/a e pela Sociologia por parte dos/as estudantes, isto pode

estar associado também à falta de hábito de leitura, considerando que a disciplina Sociologia exige leitura de textos e isto parece não ser muito interessante para os/as estudantes.

Para afirmar esta falta de interesse dos/as estudantes pela leitura de textos sociológicos, observou-se também que as aulas de Sociologia são utilizadas para várias atividades como: para se estudar para provas de outras disciplinas, estar nas redes sociais conversando em *chats* de bate-papo ou baixando vídeos do *Youtube*, namorar, compartilhar aspectos da cultura local, por exemplo, fazer uma roda de tereré em sala de aula, tocar violão. Logo, várias atividades são realizadas durante as aulas de Sociologia,

Em relação a esta distração dos estudantes nas aulas de Sociologia, esse relato de uma das bolsistas PIBIC ilustra essa falta de concentração dos estudantes para as aulas de Sociologia.

> Não se trata da disciplina ser desinteressante ou não, como muitos estudantes dizem, e sim que há uma falta de compromisso por parte dos estudantes com seus estudos. Na sala notei que havia uma estudante com um *tablet*, o qual a todo o momento ela enviava e recebia mensagens de alguém, isso acabava tirando sua atenção da aula (Luiza, abril/2013).

Sobre esta dificuldade dos/as estudantes prestarem atenção nas aulas, uma estudante comentou durante observação de campo que o uso das novas tecnologias em sala de aula e o fácil acesso a estas tecnologias, assim como o uso desregrado tem contribuído para o tempo destinado para o ensino-aprendizagem na escola ser utilizado para diversas formas de manifestação cultural de uma geração de estudantes internautas[6].

> Os estudantes deixam de prestar atenção nas explicações dos professores para ficarem se divertindo na *internet* ou no *facebook*, isso acaba fazendo com que o professor ministre sua aula de qualquer maneira. (Cida, abril/2013).

.

4 Algumas considerações

Partindo do exposto podemos concluir que para muitos/as estudantes a disciplina Sociologia tem sua importância no ensino médio, porém há aqueles/as estudantes que mostram repulsão em relação à disciplina. Para eles/as tanto faz a inserção ou obrigatoriedade dela ou não no ensino médio. Constatamos que para esses/as estudantes não é só a disciplina de Sociologia que não tem importância para eles/as, mas sim todas as outras disciplinas escolares. A proposta curricular para a disciplina de Sociologia está sustentada no pressuposto

[6] O problema enfrentado pelos professores para conter o uso de celulares em sala de aula por alunos durante as aulas, posteriormente a coleta de dados foi discutido na assembléia legislativa de MT pelo deputado estadual Mauro Savi (PR), sendo este autor da Lei nº 10.232, publicada no Diário Oficial de Mato Grosso no dia 29 de dezembro de 2014, que proíbe o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado. Para mais informações ver: Lei proíbe o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula. Disponível em: http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=222297. Acesso em 15/06/2015.

de que a educação no Ensino Médio deve ser uma atividade cuja função básica é possibilitar aos/às estudantes o acesso a instrumentos necessários que os possibilitem a agirem de forma crítica e transformadora no seu cotidiano. Além de prepará-los/as para a inserção no mercado de trabalho.

A compreensão sociológica exige tempo e interesse em reconhecer que as relações sociais são complexas, que exigem além do olhar sobre o "outro" o olhar sobre a gente mesmo. Nesse sentido, se as aulas de Sociologia são percebidas como: "chatas", "desinteressantes" e "confusas", como foram apontadas por alguns estudantes nesta pesquisa.

Nesse sentido, o que motivaria os/as estudantes pelas aulas de Sociologia na atualidade? Analisando que as novas gerações compartilham de um universo simbólico marcado pelos efeitos da globalização (GIDDENS, 2005) e de relações sociaismenos sólidas, logo marcadas pelo fenômeno da "liquidez". Segundo Bauman (2004), esta liquidez presente nas relações contemporâneasse expressa por meio da dificuldade de se construir relacionamentos sólidos e duradouros, ou seja, sendo as relações contemporâneas mediadas pelas novas tecnologias, estas que garantem diversos tipos de relacionamentos, estes que podem ser acionados a qualquer momento, mas que não garantem a construção de vínculos demorados. Esta compreensão das relações sociais desenvolvida por Bauman pode nos auxiliar na compreensão das dificuldades que muitos/as estudantes hoje apresentam para frequentar a escola obedecendo ao tempo destinado às aulas, especialmente as aulas de Sociologia e Filosofia, estas que são praticamente teóricas, logo exigem tempo e concentração parareflетir sobre o que se lê e o que vê, ou seja, associando teoria/conceitos a realidade social vivenciada. Assim, estas duas disciplinas demandam que o/a estudante treine a reflexividade a partir da leitura de textos, sendo que ler textos de forma impressa nesta era digital em que tudo pode ser encontrado de forma sintetizada aparece como um desafio para estes/as estudantes/as.

Uma vez que os textos clássicos que eram lidos impressos são agora compartilhados *online* por vários estudantes e a leitura destes textos se gasta muito tempo para se concluir algo, pois a Sociologia não garante respostas precisas para determinados fenômenos sociais. Nesse sentido, o uso da *Internet* é válido e prático para os dias de hoje, porém seu uso sem base didática pedagógica poderá contribuir para o/a estudante virar um "turista nas aulas de Sociologia", pois o que o/a professor/a explicar em sala de aula, ele pode conseguir pesquisando no *Google* de forma bem mais rápida.

Partindo desta realidade da escola hoje, esta pesquisa apresentou-se como um solo fértil para se compreender como o conteúdo sociológico está sendo aprendido um contexto situado de algumas escolas públicas de Cuiabá e como este público jovem, ou seja, os/as estudantes de ensino médio percebem seus professores e professoras de Sociologia, diante de uma disciplina que tem sua base centrada em leituras, assim cabe ao professor e a professora saber mais sobre esse público para assim desenvolver metodologias capazes de motivar o interesse dos/as estudantes pela disciplina Sociologia, considerando o universo simbólico compartilhado por estas novas gerações.

5 Referências Bibliográficas

ASSUNÇÃO, A. Á.; Oliveira, D. A Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação Sociedade.** Campinas, vol 30, n° 107, p. 349-372, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido***:* sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BITENCOURT, Silvana Maria. **Existe um outro lado do rio**: um debate sobre educação, gênero e engenharia. Curitiba: Appris, 2016.

BITENCOURT, Silvana Maria**.** Quando o campo é na escola: percepções de alunos (as) de ensino médio sobre a sociologia e seus professores em Cuiabá ? (MT). In: **X Reunião de Antropologia do Mercosul**. Situar, atuar e Imaginar: Antropologias do Cone sul. Córdoba: Auspicia, 2013.

BOURDIEU, Pierre. The specifity of the scientific fielan social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, v.14, n°6, p.19-47, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Sociología y Cultura. Entrevista con Pierre Thuillier, E**nlarecherche**, n°112, p.738-743, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Brasília: MEC/SENTEC, 2000.

CALDAS, A.; KUENZER, A. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO et ali (Org). **A intensificação do trabalho docente**. Tecnologias e Produtividade. Campinas: Papirus, 2009. p.19-48.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Considerações sobre a etnografia na escola e na prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero. In: WELLER, Wivian; NICOLLE, Pfaff. (Org). **Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2010.p.271-278.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia.** São Paulo: melhoramentos, 1978.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil,** Contribuição para o Estudo de sua Formação e desenvolvimento.Petrópolis: Vozes, 1977.

FONSECA, Claúdia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa Etnográfica e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº, 10. p.58-78, 1999.

GASPARINI, M. S. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n° 2, p. 189-199, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Armet, 2005.

HANDFAS Anita;TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A Prática de ensino como rito de passagem e o ensino de sociologia nas escolas de nível médio. **Mediações,** Londrina, v.12.n°1., p. 131-142, 2007.

HANDFAS, Anita; Oliveira, Luiz Fernandes de (org.), **A Sociologia vai à escola**: história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2009.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa. A produção Científica sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica. **BIB,** São Paulo, nº 74.p.43-79, 2014.

LAHIRE, Bernard. Viver e Interpretar o mundo social. Para que serve o ensino de Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, nº 45.p.45-60, 2014.

MORAES, Amaury Cesar de. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social,** São Paulo, v. 15.n.1.,p.05-20, 2003.

MORAES, Amaury Cesar de. Ciência e Ideologia na Prática dos Professores de Sociologia no Ensino Médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 39.n. 1., p. 17-38, 2014.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade.** Campinas, v.25.n°.89., p.1127-1144, 2004.

OLIVEIRA, Amurabi. Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação**. Educação Unisinos.** São Leopoldo, v.17.N°3.p. 271-280, 2013.

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista com François Dubet.**Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 5.n° 5., p. 222-231, 1997.

PFAFF, Nicolle. Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha, In: WELLER, Wivian; Nicolle, Pfaff. (Org). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**.Petrópolis:Vozes, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções, **Revista Poíesis.** Tubarão, v. 3.n° 3 e 4., .p.5-24, 2007.

RÊSES, Erlando da Silva. Representações sociais dos alunos da rede pública de ensino do distrito federal sobre a Sociologia no ensino médio. **Revista Mediações**. Londrina, v. 12, n° 1, p. 177-194, 2007.

ROCKWELL, Elsie. **La experiência etnográfica.** Historia y Cultura enlos processos educativos. Buenos Aires: Editorial Paidos, 2009.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, IleiziFiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos,**Natal, v 8.n°. 2., p. 403-427, 2007.

TARDIF, Maurice; Raymond, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade.** Campinas, vol.21 n°.73.p.209-244, 2000.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio.** 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O fim do mundo como o concebemos**. Ciência social para o século XXI.Rio de Janeiro:Revan. 2002.

WEBER, Max, **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**. Escola, Resistência e Reprodução Social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.